

religiosidade popular - o "menino da tábua". André Ancona Lopez analisa o posicionamento de alguns atores políticos brasileiros (formais e informais) em relação a ida do Brasil ao FMI, em dezembro de 1982. A crise da memória durante a Perestroika é vista por Reginaldo Dias à luz da desconstrução da memória dos vencedores e do debate sobre as alternativas abortadas na origem e no curso da Revolução. Finalizando a seção de artigos, Walter Praxedes examina as perspectivas e dilemas do Mercosul, no quadro das relações internacionais na era da formação de blocos econômicos.

Na seção "Palestra", Andréas Doeswyk desvincula o nazismo da idéia que o simplifica como um parêntese de horror na história da humanidade, preferindo julgá-lo como um momento clímax em uma história de infâmia universal.

Dois projetos de pesquisa encerram o suplemento: o que busca o estudo dos mecanismos de exclusão e disciplina na sociedade capitalista, vistos através de uma população asilar (Paulo Campos) e o que investiga os motivos da greve de trabalhadores ocorrida em Guariba, em 1984, desejando estabelecer discussão sobre as categorias de consciência de classe e a noção de economia moral (Antonieta Penteadó).

Angelo Priori

Prof. do Depto. de História da UEM.

O endereço para pedidos do suplemento: *História dos Cadernos de METEP* é:
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA - DHI - Universidade Estadual de Maringá - Av.
Colombo, 5790 - Zona 7-ts; Campus Universitário - Bloco G-34 - MARINGÁ (PR) -
87020-900 - TEL: (044) 226-2727 ramal 328 - Luiz Miguel do Nascimento

O MÊS MODERNISTA. Estabelecimento do texto, comentário e notas de Homero Senna. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994. 120p.

A Fundação Casa de Rui Barbosa tem contemplado o seu público com uma seqüência de publicações literárias que se destacam: 1. pela preocupação em fornecer aos leitores um texto correto. Chamo atenção para as edições preparadas por Rachel Teixeira e Júlio C. Guimarães (*A Cinza das Horas, Carnaval, e Ritmo Dissoluto* de Manuel Bandeira, *Madame Pommery* de Hilário Tácito e *As Vítimas-Algozes* de Joaquim Manuel de Macedo); bem como por Adriano da Gama Kury (*Últimos Sonetos* de Cruz e Sousa); 2. pela oportunidade de publicar pesquisas originais sobre assuntos de interesse do pesquisador da história literária brasileira (os volumes *Sobre o Pré-Modernismo, A Crônica*, - antologia de arti-

gos de vários autores, *As Revistas de Ano e a Invenção do Rio de Janeiro* estudo de Flora Süssekind); 3. pelo cuidado com a divulgação do trabalho de pesquisa em torno dos seus acervos, como foi o caso recente do *Inventário Clarice Lispector* organizado por Eliane Vasconcellos.

A última realização nesse campo é o delicioso livrinho *O Mês Modernista*, organizado e anotado por Homero Senna. Graças ao achado de Plínio Doyle, no acervo de Pedro Nava, o organizador pôde recuperar e estabelecer rigorosamente os textos da série completa de "O Mês Modernista", publicados no jornal *A Noite* do Rio de Janeiro, de 12 de dezembro de 1925 a 12 de janeiro de 1926, de segunda a sábado. Desta vez é preservada a iconografia original, inclusive incorporando-se o fac-símile dos títulos das matérias. Em 1972, tivemos uma primeira reprodução em livro apenas dos artigos, no volume *Brasil 1o Tempo Modernista*, editado pelo IEB, hoje completamente esgotado.

Compunha "O Mês" uma reunião de artigos, poemas e prosa modernistas divididos entre autores do Rio de Janeiro (Manuel Bandeira e Prudente de Moraes, neto), de Belo Horizonte (Carlos Drummond de Andrade e Martins de Almeida) e de São Paulo (Sérgio Milliet e Mário de Andrade, tratado pelo jornalista apresentador como o "papa" do Modernismo).

Geraldo Rocha, amigo de Oswald de Andrade e homenageado nos versos do "Hino Nacional do Pati do Alferes" do *Primeiro Caderno de Poesia*, franqueou as páginas do seu prestigioso jornal para que a nova estética fosse mostrada e discutida. Oswald - muito ocupado com Tarsila e os negócios na Europa, onde morava - não conseguiu coordenar nem contribuir para a empreitada. Sendo assim, passou o comando ao então amigo Mário de Andrade que tratou do assunto com o jornalista Viriato Correia. Versão portanto um pouco diferente daquela dada por Mário em carta a Prudente de Moraes, neto.

Esta iniciativa de *A Noite*, além do valor intrínseco de cada artigo, tem uma importância histórica especial. Em 1925, três anos depois de iniciado, o Modernismo começava a se consolidar através do lançamento de periódicos interessantes e de obras representativas e maduras. Oswald, por exemplo, havia lançado dois livros exemplares da nova estética. Um ano antes o delicioso *Memórias Sentimentais de João Miramar* e acabava de sair o discutido *Pau Brasil*, por sinal objeto de dois artigos componentes do "Mês", com crítica favorável, a despeito da estranheza e do choque causados: "O Homem do Pau Brasil" de Carlos Drummond de Andrade e "Pau Brasil" de Martins de Almeida. Mesmo considerando o calibre de todas as publicações conhecidas até aquele momento, deve-se concluir que o movimento ainda lutava para ser aceito e para desespero do seu "papa" era confundido com uma das suas fontes de inspiração - o futurismo italiano de Marinetti. A resistência mais sistemática partia exatamente do Rio de Janeiro, onde sobrevivia com certo prestígio a fina flor do parnasianismo, com guarida na Academia Brasileira de Letras. A oportunidade dada

por um jornal de grande circulação fora de São Paulo era imperdível, acrescida de um pró-labore tentador.

A questão do parentesco com o futurismo que os adversários gostavam de ressaltar, em vez de apontar alguma proposta original, ou mesmo uma releitura crítica, já atiçava os ânimos durante os debates da Semana de 22. Muitos artigos de divulgação do evento saídos na imprensa paulista marcavam veementemente a diferença entre os dois movimentos. Associar o Modernismo às peripécias de Marinetti, apesar de não ser nenhuma novidade ainda foi a melhor estratégia encontrada pelos "passadistas" para irritar os "novos" e desmerecer as suas pregações. Homero Senna lembra que a nota de Viriato Correia, anunciando no jornal carioca "O mês modernista que ia ser futurista", e o título de sua entrevista com Mário, "Assim falou o Papa do Futurismo", incomodaram Drummond que aconselhou o amigo paulista a desfazer-se do compromisso. Na entrevista de abertura o autor de *Paulicéia* explica sua posição em relação à vanguarda italiana e reivindica a oportunidade de contribuir para o contexto internacional mantendo-se autêntico e diferente.

Como mostra o organizador, as colaborações tanto em poesia como em prosa revestem-se de importância especial pelo ineditismo de algumas delas e pelo fato da maioria apresentar diferenças em relação à versão estampada em livro. Escolhidas para representar a produção inovadora do momento, trazem na linguagem e no estilo as peculiaridades e alguns cacoetes de escola, sem contudo deixarem de ser obras de valor estético considerável. Some-se a isto o fato de pertencer a este conjunto as duas críticas citadas ao livro de Oswald, que por sua vez constituem um pequeno perfil dos problemas teóricos e estéticos em pauta na época.

Maria Eugenia Boaventura
Professora do IEL/UNICAMP.

MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994. 300p.

A historiografia colonial brasileira tem contemplado algumas das regiões, que tiveram maior destaque econômico e geo-político durante o período do domínio português, de maneira bastante profunda, uniforme e cientificamente correta. Assim é o caso das Minas Gerais, do Rio Grande do Sul, de Pernambuco e mesmo da Bahia. Outras regiões, entretanto, como São Paulo e talvez a Amazônia, não obstante importantes exceções, foram alvo de equivocados estudos que, por comprometidos com ideologias, modismos e enfoques próprios das diferentes épocas de sua produção, foram bastante danosos à compreensão e ao entendimento dos diferentes fenômenos, acontecimentos, comportamentos e atitudes que marcaram a História do Brasil desde o século XVI ao século XIX.